

CRÍTICA / TEATRO / CHOQUE! PROCURANDO SINAIS DE VIDA INTELIGENTE

Por Cláudio Handrey

Especial para o Correio da Manhã

# Abismo alegórico

Dalton Valério/Divulgação



Danielle Winits alcança uma representação rara em sua carreira

**A**ntonin Artaud, Bertolt Brecht, Bob Wilson, Gordon Craig, Samuel Beckett, estão presentes na encenação de Gerald Thomas. Uma mistura astuciosa, que critica a mediocridade em que estamos mergulhados. Com imagens exuberantes, o espetáculo é invadido por uma intensa teatralidade, na qual os devaneios da humanidade buscam sentido na contemporaneidade. A caixa cênica é exposta, o teatro desnudando sua essência, acolhe um cenário de Fernando Passeti, que se transforma durante a apresentação.

Surgem torres do urdimento, telas pintadas por Rinaldo Escudeiro e um rosto agigantado da atriz, numa referência à pop art de Andy Warhol, além de várias escadas irregulares, num contraponto de cores e escalas. Criativo e ousado, Thomas se mantém fiel ao experimentalismo, no qual se debruçou em montagens como “Eletra com Creta”, “Carmem com Filtro”, a “Trilogia Kafka”, “The Flash and Crash Days”, com Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, entre outras.

Numa ideia de que forma é conteúdo, o diretor se inspira no pós-moderno, quebrando o conceito clássico do dramático, a psicologia dos indivíduos, em que a colisão dramática se despedaça. A visão contemporânea nos faz deparar com uma pluralidade, uma hetero-

geneidade, um viés ambíguo, híbrido do ato teatral, onde a contradição, fragmentação, anarquizam e desordenam a escrita cênica.

Numa atualização do próprio encenador, o texto da estadunidense Jane Wagner tornou-se um marco teatral, propagando hu-

mor ácido e crítica social. O monólogo, onde uma atriz/personagem questiona protótipos sociais, o mundo capitalista e a valorização de uma cultura de massa descabida, bestificando-nos a cada segundo, em que seres são considerados somente se alcançarem um epopeico número de seguidores nas redes sociais. A personagem vai se desequilibrando diante de tantas contradições humanas, falta de empatia, falta de memória, numa alusão de que a vida vem perdendo sentido.

Danielle Winits, muito bem conduzida por Thomas, implementa texturas dramáticas diversificadas, alcançando uma representação, na qual a atriz pouco se aventurou, manifestando estados de embriaguez e êxtase, rodeada por um elenco de apoio apropriado.

João Pimenta cria um figurino terroso, apocalíptico, que é trocado à vista do público, reforçando a quebra de paradigma do espetáculo. A irresistível luz de Wagner Pinto, em perfeita conexão com a proposta, ornamenta a parafernália, torna um ambiente poético, como a imagem de LED, tirando nosso fôlego, ao final. Thomas estabelece uma espécie de metateatro, em que o clima alegórico nos aproxima da nossa própria realidade nua, crua e por ora, desinteressante.

## NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

### O influenciador

Juliano Cazarre está em “Compliance”, em cartaz até domingo (2) no Teatro I Love PRIO, interpretando Fabrício, um executivo que se tornou influenciador digital com milhares de seguidores. O personagem utiliza frases motivacionais e promessas de ascensão pessoal em suas transmissões ao vivo no Instagram. A peça se estrutura como uma dessas lives, mas em um dia atípico. O espetáculo aborda temas como cultura de autoajuda, empreendedorismo digital e os bastidores do universo dos influenciadores motivacionais.



Pamela Miranda/Divulgação

Rodrigo Menezes/Divulgação



### Ciência ancestral

Estreia neste sábado (1), às 16h, no Teatro I do Sesc Tijuca, o espetáculo infantil “O Pequeno Cientista Preto”. O solo, escrito e interpretado por Junior Dantas com direção de Débora Lamm, narra a história de Zuni, menino curioso que sonha ser cientista inspirado pelos conhecimentos de sua avó Zilda sobre ervas e plantas medicinais. Acompanhado de Kito, amigo imaginário, o protagonista viaja em uma máquina do tempo e encontra referenciais negros brasileiros. O espetáculo aborda a ciência ancestral e os saberes tradicionais transmitidos entre gerações.

### Orgulho e medo

O solo “A Construção”, com Marcelo Olinto, entra em chega a seu último fim de semana no Teatro Sesc Copacabana. O texto derradeiro do escritor checo Franz Kafka (1883-1924) narra a história de um texugo obcecado pela construção de sua toca subterrânea. Em cena, o ator interpreta o animal que oscila entre o orgulho pelo refúgio criado e o medo paranoico de invasões. A montagem utiliza a metáfora da toca-fortaleza para abordar questões humanas universais como a busca por segurança, a necessidade de abrigo e o temor da morte.

Nil Caniné/Divulgação

